

CARNAVAL EM SÃO PAULO: BLOCOS DE RUA E SEUS IMPACTOS AMBIENTAIS

Amanda Carolina Tominaga Nakao⁽¹⁾

Tecnóloga em Gestão de Turismo, Faculdade de Tecnologia de São Paulo- FATEC SP.

João Pedro Pierini de Oliveira⁽¹⁾

Tecnólogo em Gestão de Turismo, Faculdade de Tecnologia de São Paulo- FATEC SP.

Fernanda Alves Cangerana Pereira⁽¹⁾

Doutora em Saúde Pública pela FSP/USP, professora do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da Faculdade de Tecnologia de São Paulo- FATEC SP, orientadora do trabalho.

Endereço⁽¹⁾: Avenida Tiradentes, 615 - Bom Retiro, São Paulo, SP, CEP: 01124-060, Brasil. Tel: + 55 (11) 3322 2213 e mail: facan@fatecsp.br.

RESUMO

O presente trabalho avalia sob a ótica econômica, turística e ambiental os blocos de rua na cidade de São Paulo no período do carnaval. No Brasil, apresenta-se a forte tradição carioca de celebrar o Carnaval por meio dos blocos de rua, os quais influenciaram São Paulo a promover também seus próprios blocos carnavalescos. O atual Carnaval de rua paulistano é uma modalidade resgatada que havia perdido notoriedade nas últimas décadas, mas que nos últimos anos vem ganhando espaço no gosto do brasileiro e principalmente do paulistano. Os dados fornecidos pelo Observatório de Turismo e Eventos (OTE) possibilitam uma comparação entre as edições passadas com a edição de 2018, apresentando dados expressivos de crescimento, os quais demonstram uma forte identificação e solidificação do novo destino de celebrar o Carnaval. Foi aplicado, também, um questionário elaborado pelos autores que avaliou a visão dos moradores e comerciantes de um bairro que sedia o Carnaval de rua e sofre todos os impactos decorrentes de tal evento. Diante destas avaliações, tal reflexão levantou questões prementes acerca de uma nova realidade que vem se configurando na cidade e propôs possíveis alternativas no sentido de minimizar os impactos negativos, tornando assim, o Carnaval de rua um evento mais sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval em São Paulo, Blocos de Rua, Impactos Ambientais.

INTRODUÇÃO

Com origem que remonta a décadas “a festa mais popular e mais conhecida do Brasil é o famoso Carnaval” (Guia Viagem, 2017) que representa nossa identidade e costume, popularizou-se no decorrer dos anos e ganhou suas modalidades ou “versões” em cada canto do país. O bloco de rua, jeito informal de comemorar a data festiva, ganhou representatividade na cidade de São Paulo e, no ano de 2017, representou um aumento de 200% no número de turistas que visitam a cidade (R7, 2017) em comparação ao ano de 2016, permitindo um notável impacto econômico positivo para a cidade. No entanto, tendo em vista as proporções que o carnaval de rua vem tomando, faz-se necessária uma maior infraestrutura e investimento para comportar o número de frequentadores desta grande festa, uma vez que apresenta tendência de expansão. Segurança e preservação do espaço público são assuntos que devem ser garantidos e colocados em pauta nos locais que sediam e recebem a passagem dos blocos de rua. Assim sendo, o intenso fluxo de pessoas concentradas no mesmo espaço conduz a consequências possivelmente negativas ao meio ambiente.

O objetivo deste trabalho é analisar, sob um olhar sustentável, o carnaval de rua, bem como avaliar alguns impactos ambientais tais como: lixo produzido, poluição sonora, mau uso do espaço urbano e das áreas verdes ocasionados pelos blocos com grande manifestação popular. Desta forma, o presente artigo apresenta a definição de impacto ambiental segundo a legislação vigente e desenvolve uma discussão acerca das consequências oriundas dos blocos de rua.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste artigo, realizou-se pesquisa de cunho bibliográfico baseada em autores que apresentam a história do Carnaval como um todo. Suas mais diversas versões mundo afora estão exibidas em ordem cronológica até se chegar ao carnaval brasileiro como o conhecemos hoje e, principalmente, aos blocos de rua na capital paulista.

Realizou-se também, pesquisa documental no Conselho Nacional do Meio Ambiente e no informativo Observatório de Turismo e Eventos. Por fim, realizou-se pesquisa de campo por meio de um questionário elaborado pelos autores, com o objetivo de coletar informações que foram utilizadas para esta análise.

RESULTADOS

Carnaval na cidade de São Paulo

Diferentemente da cidade do Rio de Janeiro, São Paulo tardou a se configurar como uma cidade carnavalesca, pois, devido à chegada da Família Real ao Rio de Janeiro, o evento histórico possibilitou que a cidade se aproximasse mais do modelo europeu referente aos costumes e hábitos da época. Sebe (1986, p. 54) escreve:

O Rio era o modelo mais importante...para as manifestações nacionais e atuava como matriz ou padrão cultural comumente referenciado.

Já Urbano (2005, p. 83), diz como teria se dado o processo de “carnavalização” em São Paulo ao afirmar que:

O Carnaval de São Paulo no início do século (XX) trazia memórias do Carnaval europeu, devido à grande quantidade de imigrantes que aqui moravam, principalmente espanhóis e italianos. Vem daí o grande sucesso do Carnaval em alguns bairros onde a concentração dessas colônias era mais intensa.

Dessa forma, os bairros mais antigos e tradicionais de São Paulo são aqueles que originalmente eram habitados por imigrantes europeus, responsáveis por criar os primeiros blocos e associações carnavalescas da cidade. Urbano (2005) apresenta a história de quatro bairros paulistanos principais que teriam promovido o carnaval em São Paulo, são eles: Brás, Lapa, Água Branca e Vila Esperança. Além de serem originalmente habitados por imigrantes, outra característica que possuem em comum é que se configuram como bairros operários, pois dentro do processo de industrialização da cidade de São Paulo, os bairros foram crescendo e se desenvolvendo agora, fora do centro. Em função deste desenvolvimento e, especialmente a partir do crescimento do Carnaval do Brás, o processo carnavalesco deste bairro teria atingido outras regiões que também floresciam fora do centro como no Belém, no Tatuapé e na Penha.

O processo de criação dos blocos ou desfiles de rua nos bairros paulistanos segue de certa forma, o mesmo modelo. Cita-se o bairro do Brás, por exemplo, o qual apresentava um modelo parecido com o que se via no centro da cidade: carros decorados com flores e bandeirinhas, onde amigos e familiares seguiam o desfile ao som de marchinhas de carnaval. Segundo Urbano (2005, p. 79) ainda:

O carnaval do Brás foi crescendo e atraindo a população dos bairros vizinhos: Mooca, Pari, Canindé, Belém, Tatuapé e mesmo dos mais distantes como Pinheiros, Lapa e Pirituba, criando fama de ser o Carnaval mais animado da cidade de São Paulo.

Não apenas no Brás, mas também na Lapa, os desfiles de rua contavam com a participação dos moradores do bairro, os quais saíam com seus carros enfeitados caracterizando-se como uma espécie de *corso*. Já no bairro da Água Branca, Urbano (2005, p. 82) escreve que os foliões saíam às ruas:

Com camiseta listrada, roupas velhas e caras pintadas desfilando pelo bairro. Com o passar dos anos, o número de participantes foi aumentando e o grupo resolveu incluir em seus desfiles carros alegóricos, transformando o bloco em rancho.

Por fim, Urbano (2005, p. 84) conclui que na cidade de São Paulo:

...foi aumentando cada vez mais o espírito carnavalesco no seio dos clubes, sendo vários os blocos formados sob as mais originais denominações, tais como Bloco dos Loucos, Bloco Vê se te Ajeita, Bloco Deixa Chover, Bloco Alegria. Todos esses blocos marcaram época em seu tempo, pela espontaneidade e originalidade com que surgiram, principalmente pelos dísticos e estandartes por eles confeccionados.

Não há um método pré-estabelecido para que um bloco de carnaval ou uma escola de samba nasça. Eles podem surgir de diferentes maneiras. Para Urbano (2005, p.127):É

é muito comum nascer uma Escola de Samba ou Bloco Carnavalesco de clubes de futebol, onde há compositores e outros participantes que tocam instrumentos de percussão, ou em bares, onde costumam se reunir batuqueiros e grupos de participantes.

Como já explicado; geralmente um grupo de pessoas se reúne de forma mais ou menos organizada para seguir um carro (hoje em dia, em carros elétricos ou caminhões) com caixas de som, às vezes bandas e música alta em um trajeto pré-determinado nas ruas onde os foliões podem dançar, beber e se divertir com os amigos. Inicialmente este tipo de festa era comum entre os amigos e as famílias dos bairros típicos da cidade, mas com a popularização dos eventos, aos poucos foram ganhando visibilidade e conquistando o gosto e a preferência de muitos jovens, possibilitando assim, um marco de celebração do carnaval brasileiro. Essa popularização é evidenciada por Urbano (2005) quando afirma que no ano de 1958 houve o maior número de clubes e associações desfilando no Carnaval de rua pelas avenidas da Lapa, como por exemplo:

O Cordão Paulistano da Glória, Camisa Verde e Branco, Vai Vai e as Escolas de Samba Lavapés, Nenê de Vila Matilde e a Peruche, fazendo com que um grande número de pessoas, não só do bairro mas de toda a Capital, acudisse para ver o “Carnaval Espetáculo”, que realmente foi um sucesso.

Ao mesmo tempo em que os desfiles carnavalescos iam crescendo nos bairros, as Escolas de Samba da capital paulista também foram estimuladas a fazerem seus primeiros desfiles, apresentando ao público carros alegóricos que abririam o Carnaval, até então ainda não existente em São Paulo. Dessa forma, São Paulo utilizou o carnaval carioca como modelo a ser seguido para a festa, o qual se configuraria como o conhecemos hoje: desfiles repletos de carros alegóricos, alas e suas fantasias competindo entre si pelo desfile mais belo. Segundo Urbano (2005, p. 82):

Começaram as Escolas de Samba a copiar as alegorias das Escolas do Rio de Janeiro, embelezando dessa forma os seus desfiles. Assim foram instituídos pela Comissão Organizadora do Carnaval prêmios para as entidades que tinham as melhores alegorias, ou maior número delas.

Carnaval em números: comparação dos anos de 2017 e 2018 pelo Observatório do Turismo

Para análise comparativa do crescimento do Carnaval paulistano durante os anos de 2017 e 2018, (tanto para os desfiles oficiais das escolas de samba no Sambódromo do Anhembi quanto os blocos de rua espalhados pela cidade) foram utilizados dados fornecidos pelo núcleo de estudos e inteligência de mercado da São Paulo Turismo, o Observatório de Turismo e Eventos –OTE (2017 e 2018). O levantamento consistiu em apresentar dados a respeito do perfil sócio-demográfico e hábitos de consumo dos turistas que aproveitaram o carnaval seja ele no Sambódromo ou nos blocos, ou ainda, em ambos os casos.

Para isso, foram entrevistadas pela OTE, um total de 2.210 pessoas durante o Carnaval de 2017 e mais de 2.200 na edição de 2018. Em 2017 a pesquisa apresentou dados como por exemplo, 9,4% dos entrevistados receberam parentes ou amigos para assistir o desfile das Escolas de Samba de São Paulo, contra 22% dos 1.120 entrevistados no ano de 2018. Pode-se observar também que quando perguntado “é a primeira vez que assiste o desfile no Sambódromo?” em 2017, 51,5% dos entrevistados responderam “sim”, enquanto em 2018, o número caiu para 46% demonstrando assim, uma tendência dos desfiles das Escolas de Samba serem mais consolidados no gosto das pessoas que aproveitam o Carnaval.

Ainda a respeito do Carnaval no Sambódromo, houve um decréscimo na permanência média dos turistas em São Paulo indo de 3,8 dias em 2017 a 3 dias em 2018. No entanto, segundo o levantamento, houve um aumento no gasto médio dos turistas passando de R\$ 957,00 (2017) para R\$ 1.151,00 (2018). Outro aumento relevante é a hospedagem em hotéis ou flats, passando de 17,4% para 21,5% representando assim, uma maior movimentação também na hotelaria.

Em relação ao Carnaval de rua, assim como na pesquisa elaborada no Sambódromo, os foliões também receberam mais parentes e amigos ao longo dos últimos anos: 13,7% dos entrevistados afirmaram ter hospedado turistas, número 388% acima do registrado em 2016 e, em 2018 apontando uma porcentagem maior passando para 20,9%. Este dado pode estar relacionado quando feita a pergunta se era a primeira vez que o entrevistado participava do carnaval de rua, passando de 33,9% a 35,3%, o que demonstra um interesse maior em aproveitar e conhecer o carnaval de rua paulistano. A permanência média do turista na capital também aumentou indo de 3,6 dias em 2017 para 4 dias em 2018 além de representar um gasto maior durante a estadia, de R\$ 517,00 para R\$ 663,00. Por fim, os foliões que aproveitaram o carnaval de rua de São Paulo também são responsáveis por representar um aumento da porcentagem na categoria utilizada como hospedagem, como por exemplo: 5,1% em 2017 contra 12,1% em 2018 ficaram hospedados em hotéis e flats ou 0,2% contra 3% em *hostels* ou albergues e, um aumento significativo de 3,7% em 2017 que ficaram hospedados em casa de amigos ou parentes passando a representar um total de 62,1% em 2018.

Segundo o Observatório do Turismo (2017 e 2018), a exposição positiva dos desfiles das escolas de samba somada à explosão dos bairros de rua na capital paulista, possibilitaram com que a cidade de São Paulo se caracterize agora como um novo destino procurado para se aproveitar o Carnaval ao afirmar que “a cidade de São Paulo, que pode ser considerada hoje um dos 3 destinos mais importantes de Carnaval no Brasil”. Esta conclusão está baseada em impactos econômicos positivos para a cidade e para o Estado de São Paulo, pois,

em 2017 o movimento de R\$ 150 milhões provindos do carnaval no sambódromo mais os R\$ 314 milhões decorrentes do Carnaval de Rua, totalizaram um montante de R\$ 464 milhões de movimentação como turismo para a cidade. Em 2018 esse número foi mais positivo ainda, resultando em um impacto econômico de cerca de R\$ 730 milhões (sendo R\$ 550 milhões no Carnaval de Rua e 180 milhões no Sambódromo). Assim sendo, o carnaval paulistano é capaz de englobar mais de 52 setores da economia, indo além daqueles relacionados às atividades turísticas diretamente ligadas ao Carnaval. O carnaval em São Paulo consolida-se cada vez mais e representa um dos mais importantes eventos para a cidade.

Devido à intensa movimentação turística de pessoas que vêm para São Paulo aliada à grande população que a cidade possui, alguns locais ficam superlotados, fato este ocasionado pela quantidade de foliões que frequentam o bloco. Como resultado desse grande fluxo de pessoas, questões como a quantidade de lixo produzida, uma intensa poluição sonora, mau odor de urina e até mesmo purpurina não biodegradável são alguns dos impactos ambientais a serem avaliados diante de uma ótica sustentável para o evento. Vale citar por exemplo, a grande concentração de pessoas nos blocos acarretando consequentemente em um grande acúmulo e produção excessiva de lixo que não recebe seu devido destino, o qual fica espalhado por todo o chão e locais inapropriados. Além do lixo produzido e não descartado corretamente, durante o transcorrer do evento, não há opções suficientes e de fácil acesso para se utilizar os banheiros, forçando os foliões a urinarem no espaço público, o que além de ser proibido por lei, impacta negativamente no meio ao deixar forte odores nas ruas e praças.

A fim de se avaliar o desenvolvimento do carnaval de rua paulistano ao longo dos últimos anos, o Observatório de Turismo e Eventos (OTE) ao aplicar o questionário de perfil sócio demográfico e hábitos de consumo dos turistas, possibilita uma comparação entre as edições do carnaval de 2017 e 2018. Esta comparação nos permite analisar a opinião pública à respeito da infraestrutura e organização do evento e, a partir dos dados fornecidos pelo OTE, qualificar as ações públicas que melhoraram ou regrediram. As tabelas a seguir, foram adaptadas e simplificadas, afim de um entendimento maior.

Tabela I – Avaliação do evento em 2017 de acordo com as afirmações

Categoria	Sim/%	Não/%
Os banheiros disponíveis são suficientes	46,9	44,5
Vi ambulância para atendimento emergencial	68,1	28,4
A circulação pelas ruas foram tranquilas	96,3	2,7
Sinto-me seguro no Carnaval de Rua	71,5	24,8
O Carnaval de Rua está bem organizado	84,9	7,2
Cheguei com facilidade ao local do Carnaval de Rua	96,4	3,6
As ruas estavam limpas para passagem dos blocos	83,9	14,5
Os blocos desfilaram pontualmente	70,2	16,6

Fonte: OTE, 2017.

Tabela II – Avaliação do evento em 2018 de acordo com as afirmações

Categoria	Sim/%	Não/%
Os banheiros disponíveis são suficientes	38,7	61,3
Vi ambulância para atendimento emergencial	67,3	32,7

A circulação pelas ruas foi fácil	77,4	22,6
Sinto-me seguro no Carnaval de Rua	73,3	26,7
A organização melhorou em relação aos anos anteriores	68,9	31,1
Cheguei com facilidade no local	83,9	16,1
As ruas estavam limpas para passagem do bloco	79,1	20,9
A prefeitura deve continuar apoiando o Carnaval de Rua	88,6	11,4
Tótems de informação e sinalização suficientes	50,8	49,2

Fonte: OTE, 2018.

Em 2017, 46.9% dos entrevistados afirmaram que a quantidade de banheiros químicos foi suficiente, contra apenas 38.7% em 2018. O número diminuiu também ao abordar-se questões como por exemplo, se o folião viu ambulância para atendimento emergencial (indo de 68.1% em 2017 para 67.3% em 2018). Nas questões que dizem a respeito da “mobilidade”, os foliões igualmente demonstraram maior criticidade ao apontarem uma diminuição nos índices. Em 2017, 96.3% dos interrogados avaliaram a circulação das ruas como tranquilas, esse índice caiu para 77.4% em 2018 e, quando perguntado se o folião chegou com facilidade ao bloco escolhido, a porcentagem também caiu, passando de 96.4% em 2017 para 83.9% em 2018, demonstrando assim, uma significativa queda entre os dois anos avaliados. Por fim, outro índice que diminuiu em sua qualidade, foi em relação ao quesito “limpeza das ruas”, 83.9% das pessoas em 2017 apontaram como satisfatória, passando para 79.1% em 2018.

Apesar desses índices apresentarem uma queda, houve uma melhora no quesito “segurança” quando, 71.5% dos entrevistados se sentiram seguros na edição de 2017 crescendo para 73.3% em 2018. Mesmo que os questionários não tenham sido respondidos pelos mesmos entrevistados, a partir da comparação entre seus índices, é possível observar que o público interrogado demonstrou maior desaprovação ao apontar de maneira geral, uma piora na organização e transcorrência do evento. Sendo assim, fica clara a importância de se investir e planejar um evento de larga escala para que seja positivo tanto para o público alvo, quanto para o meio no qual ele é sediado.

Avaliação do evento segundo afirmações dos moradores e comerciantes

Neste trabalho foram analisadas as informações produzidas pelo questionário elaborado e aplicado em cinquenta comerciantes e moradores locais do bairro da Vila Madalena, bairro localizado na zona oeste da cidade de São Paulo, durante o período de Carnaval de 2018. Os indicadores de insumo oferecem uma análise sobre as consequências causadas pelos blocos de rua no carnaval paulistano. Todos os questionários aplicados foram respondidos.

Foram questionados diversos assuntos com cinco alternativas fechadas que variaram de “concordo totalmente” a “discordo totalmente”. Foram perguntadas as opiniões dos entrevistados a respeito dos blocos de rua, se de fato acreditam que os blocos agredem o meio ambiente devido à maneira como são realizados. 34% concordaram totalmente, 38% apenas concordaram, 14% foram neutros em relação ao assunto, 8% discordaram totalmente e 6% apenas discordaram. Ou seja, grande parte realmente acredita que os blocos de rua agredem o meio ambiente no local onde são realizados.

Ainda no quesito “consequências”, foi levantado se durante o Carnaval os blocos de ruas trazem consequências negativas para os moradores locais. 52% das pessoas concordaram com sim e 36% concordaram totalmente. Apenas 6% discordaram e 2% discordaram totalmente. Já 4% disseram ser neutros.

Quanto ao tema poluição sonora, isto é, em relação ao volume da música durante o período dos blocos de rua, 46% consideram ser um volume normal e 40% muito alto. 12% consideram altíssima e 2% baixa. Dando continuidade ao aspecto sonoro, foi abordado se o volume da música traz consequências negativas e problemas de saúde como insônia ou dor de cabeça para os moradores do bairro. 32% discordaram, 26% discordaram totalmente, 22% consideraram ser neutros, 16% concordaram e 4% concordaram totalmente. Grande parte dos entrevistados discordou e justificou que o volume da música não interfere muito, pelo fato de que há um horário de término estabelecido. Desta maneira, a poluição sonora não é um fator que realmente incomode e que vá causar consequências para quem reside nesses locais que sediam e servem de passagem para os blocos. Questionou-se como avaliariam o odor das ruas e praças após a passagem dos blocos de rua. 67% considerou péssimo, 26% ruim e 12% regular. Nessa questão, não foi avaliado nenhum aspecto bom ou positivo, como havia no questionário. Também foi abordada a questão do número de pessoas frequentadoras do bairro durante os dias de Carnaval, e se um maior fluxo de foliões interfere na segurança pública do estabelecimento e/ou imóvel. 48% discordaram totalmente, 32% discordaram, 14% avaliaram como neutro e 4% concordaram. Esta questão fornece um dado interessante, pois conclui-se que os blocos de rua são massificados e, em muitos lugares por onde passam, não são capazes de comportar a quantidade de público que está ali presente. Contudo, não foi considerado um fator que prejudique de fato a segurança desses locais. Como por exemplo, invasões, depredação do local e/ou estabelecimento.

O questionário aplicado apresentou uma questão dissertativa referente se há algum aspecto positivo nos blocos de rua. 52% disseram que não possui aspecto positivo e 48% disseram que há aspecto positivo. Nessa mesma questão foi solicitado aos entrevistados justificar suas respostas. As pessoas que disseram não possuir nenhum aspecto positivo não fundamentaram seus argumentos, mas as pessoas que apontaram aspectos positivos, mencionaram a valorização do bairro por trazer “vida” a ele, a visibilidade no comércio local, a preservação cultural e o resgate de histórias, bem como a possibilidade de oferecer entretenimento, integração das classes sociais, melhoria na economia, a utilização do espaço público, além de atrair turistas para cidade.

Outros aspectos abordados foram o estado de conservação do espaço público e a relação da Prefeitura com a cidade durante e pós-carnaval. Foi pedido que os entrevistados avaliassem o estado de conservação da rua e/ou espaço público após a passagem dos blocos de rua. 40% consideraram ruim, 40% consideraram péssimo, 18% consideraram regular e 2% bom. Dando continuidade ao assunto “limpeza de rua após o Carnaval” foi abordado se a Prefeitura de São Paulo se responsabiliza por limpar completamente o espaço público utilizado. 38% afirmaram que a Prefeitura limpa parcialmente, 30% disseram que a Prefeitura limpa apenas algumas áreas, 18% apontaram que a Prefeitura limpa completamente, 10% disseram que na maioria das vezes são os próprios moradores que limpam o espaço e, 4% relataram que a Prefeitura não limpa o espaço público.

Apesar da Prefeitura se responsabilizar por limpar o espaço público utilizado na passagem dos blocos de rua, a ação não é totalmente eficaz ou simplesmente não desempenha o resultado esperado. Afinal, por ser um evento massificado, a quantidade de lixo produzida equivale à quantidade do público que frequenta, resultando em uma ação não eficiente por completa.

Na possibilidade da existência de áreas verdes na região, foi perguntado como a pessoa avaliaria o estado de conservação das mesmas após os blocos de rua. 38% consideraram péssimo, 32% consideraram ruim, 24% consideraram regular e 6% bom.

DISCUSSÃO

É prudente discutir e entender o fenômeno do Carnaval brasileiro como um símbolo muito representativo e expressivo de nossa cultura, fora de sua visão estereotipada. Comumente ao se pensar na ideia do que caracteriza o povo brasileiro, símbolos como praia, futebol e gente alegre e sorridente são frequentemente citados quando colocados sob uma ótica estereotipada do Brasil. No entanto, há de se concordar que diante da magnitude e do preparo que o maior evento festivo brasileiro leva consigo, somos também referenciados como “o país do Carnaval”. O Carnaval propriamente configurado como o conhecemos hoje, é fruto de uma mistura de interpretações diferentes das classes sociais, bem como interpretações próprias de diferentes povos ao longo da história, os quais também tiveram seus caminhos traçados e influenciados por outras culturas. Isto é, para se chegar ao Carnaval brasileiro, sua versão atual está atrelada aos acontecimentos e influências que marcaram o passado. Contudo, o que possivelmente une as diferentes versões do Carnaval ao longo da história é o fato de se configurar como uma subversão à ordem, a qual é vivida durante todos os outros dias do ano, ou ainda, como um evento profano anterior ao período da Quaresma, evento religioso que dentro do calendário cristão marca a ressurreição de Jesus no dia da Páscoa.

A partir disso, falar no resgate da memória da história do Carnaval brasileiro é buscar os fatores que contribuíram e o levaram a se configurar como se apresenta hoje. O Brasil foi colonizado pelos portugueses, os quais já possuíam um modelo de se “brincar Carnaval”. “Brincar Carnaval” porque nos moldes portugueses, o jogo do entrudo, como era popularmente chamado, consistia em jogar água suja, limões-de-cheiro, farinha e outras coisas em vizinhos e familiares. Porém, esta versão de Carnaval tornou-se sinônimo de balbúrdia e confusão, por sempre gerar brigas acarretando na sua proibição. Pouco a pouco, outros modelos de carnavais foram surgindo no Brasil, cada região com sua singularidade em interpretar e apresentar um carnaval diferente. A cidade do Rio de Janeiro foi cidade modelo dos costumes europeus no país, devido ao momento progressista proveniente da vinda da Família Real em 1808. Nas décadas seguintes, a história do Carnaval brasileiro encadeou uma série de “organizações” de desfiles diferentes ligadas à classe social a qual o indivíduo pertencia. Nasceram assim, os cordões, ranchos, corsos e associações que em sua essência teriam originado os fatores que compõe hoje o Carnaval brasileiro divulgado pela mídia: blocos de rua, trios elétricos, um enredo, carros alegóricos, alas, escolas de samba e seus desfiles oficiais. O Carnaval paulistano se inspirou no carnaval do Rio e teve seu desenvolvimento mais tardio com sua gênese nos bairros tradicionais operários-industriais que cresciam e prosperavam juntamente com o progresso da cidade, como o Brás, a Mooca e a Lapa. Estes bairros foram colonizados primeiramente por imigrantes europeus que trouxeram consigo sua forma popular de desfile, os quais atraíam ano após ano, um número maior de frequentadores. O sucesso desses desfiles populares nas ruas recebiam nomes próprios escolhidos por seus fundadores, assim como hoje os blocos de rua também recebem um nome. Os blocos de rua são, portanto, o produto de toda esta interação popular de décadas provenientes de desfiles improvisados e até mesmo, períodos ligados à bagunça ou desordem, mas que caíram no gosto do brasileiro fazendo com que esta versão anterior aos desfiles das escolas de samba, receba seu devido valor.

Diante da magnitude que o Carnaval brasileiro possui no país e também mundo afora, é válido discuti-lo, mais especificamente sua versão em bloco de rua, – assunto tratado no presente artigo – sob diferentes óticas: sob o campo econômico, turístico e ambiental. Estas três esferas, quando colocadas em uma cidade que não dispõe de uma infraestrutura adequada para sediar tal evento, podem apresentar resultados positivos ou negativos para a cidade e para o morador. Fica claro, portanto, entender como a cidade poderia se beneficiar ao máximo e

dinamizar positivamente suas ações públicas a partir deste evento que já é comercializado e que ano após ano, ganha mais frequentadores e adeptos do Carnaval de rua de São Paulo. Esta modalidade resgatada na cidade é apontada pelo Observatório de Turismo e Eventos - OTE (2017), o qual a partir de uma busca em agências de viagens online indicou que o Carnaval paulistano é o segundo destino mais procurado pelos foliões, ficando atrás apenas da cidade do Rio de Janeiro. Esta procura acelerada nos últimos anos proporciona um impacto econômico muito positivo ao ter apresentado em 2018 um montante de R\$ 730 milhões para São Paulo, sendo R\$ 550 milhões provindos apenas dos blocos de rua. Este valor está distribuído dentro de uma cadeia de bens e serviços oferecidos aos turistas e moradores, ao movimentar a economia de outros setores que vão muito além do setor hoteleiro, do setor de restaurantes e de agenciamento de viagens.

A cidade de São Paulo possui um grande potencial turístico ao oferecer aos turistas e aos próprios moradores, diversas opções de lazer, cultura, compras e restaurantes. O Carnaval de Rua possibilita uma visão diferenciada do espaço urbano paulistano muitas vezes associado somente àquele de uma cidade de prédios altos e moradores ocupados com seu trabalho, sentados em suas cadeiras de escritório. Mas, acima de tudo, o Carnaval de Rua possibilita que o próprio paulistano e moradores da grande São Paulo possam desfrutar e viver a cidade sob uma ótica diferente daquela do trabalho: no seu dinamismo e na sua efervescência multicultural. E por “viver a cidade” em seu amplo sentido de ocupar as ruas, de participar ativamente dos eventos que ela tem a oferecer, integrando as diferentes classes sociais que vivem em seus bairros segregados e ocupando áreas da cidade que durante o ano não recebem a mesma atenção, a citar como exemplo o próprio centro histórico da cidade. Ainda na pesquisa realizada pelo OTE na edição de 2018, 88,6% dos entrevistados acreditam que a Prefeitura de São Paulo deve continuar apoiando o Carnaval de Rua paulistano, o que demonstra uma forte identificação com o evento por parte dos foliões.

Dentro dos impactos negativos ocasionados pelo evento, o presente artigo procurou apontar por meio de pesquisa de campo em forma de questionário aplicado no bairro da Vila Madalena (bairro tradicional que se manteve residencial por muitos anos antes da especulação imobiliária), ao abordar os impactos que se caracterizam como diretos, imediatos e reversíveis até certo ponto. Questões como a quantidade excessiva de lixo produzida e seu descarte incorreto dos resíduos, juntamente com o mau odor de urina por todo espaço público, somado à poluição sonora nos lugares que recebem a passagem de blocos, ocasionam certo desconforto para quem reside na localidade, bem como para aqueles que possuem algum tipo de vulnerabilidade (pessoas em hospitais ou asilos no entorno). O comércio também se vê prejudicado por ser obrigado a fechar seus estabelecimentos durante o Carnaval, em função da interdição das ruas pela Prefeitura, impossibilitando a circulação de veículos.

Apesar de ocorrer uma ação de limpeza da Prefeitura pós-bloco a fim de minimizar tais impactos, essa prática não é totalmente eficaz segundo os próprios moradores e comerciantes do bairro da Vila Madalena. No questionário aplicado pelos autores, 68% das 50 pessoas entrevistadas relatam que a Prefeitura não limpa completamente o espaço público onde o bloco de rua transita e que o estado de conservação do mesmo é classificado como “péssimo”, mesmo depois de tal ação. Deste modo, essas condutas que poderiam ser consideradas como temporárias, acabam tendo um período de médio prazo e grau de reversibilidade considerável, devido também, à quantidade insuficiente de banheiros químicos espalhados por todo o espaço público e a falta de opções para se descartar corretamente o lixo. Além do evento não dispor totalmente de meios que facilitem a preservação do espaço público, os seus frequentadores comumente excedem no consumo

de bebidas alcólicas, o que resulta em uma não conscientização de seus atos podendo ocasionar danos ao patrimônio ou até danos físicos e/ou morais, atitudes estas que têm se tornado comuns durante o Carnaval.

A quantidade massificada de pessoas também resulta na poluição sonora, principalmente os trios elétricos que muitas vezes excedem o volume da música para que o som alcance toda a extensão do bloco. A Prefeitura não possui o devido controle para isso e, a quantidade do público ali presente dificulta a locomoção de pessoas no entorno e no próprio local. A mobilidade no meio do bloco de rua também é limitada devido à grande concentração de pessoas, impactando as áreas verdes, suas praças e canteiros, em função do imenso fluxo de circulação de pedestres que ultrapassa o limite que o espaço comporta. Agrega-se a isso, o fato do local transformar-se num banheiro público improvisado. É válido salientar que todos esses impactos são recorrentes não apenas durante o período pré-estabelecido do Carnaval, pois o Carnaval representa uma quantidade de eventos que ocorrem em várias regiões da cidade antes, durante e depois do período festivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises críticas discutidas ao longo do presente artigo, apresentam-se alternativas possíveis a fim de minimizar os impactos ambientais negativos e tornar o Carnaval de rua um evento mais sustentável em São Paulo. Definido como “sustentável”, pois partindo do conceito de sustentabilidade desenvolvido primeiramente na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento de 1987, o relatório “Brundtland” também conhecido como relatório “Nosso Futuro Comum” apontou as primeiras discussões internacionais acerca do que é “ser sustentável”. Tal discussão leva em consideração o equilíbrio sustentável, e pode ser compreendido como um conceito em equilibrar os três importantes pilares do desenvolvimento. Este desenvolvimento está dividido, portanto, nas esferas social, ambiental e econômica e se configura por meio da harmonia entre elas sem que um aspecto se sobreponha a outro, isto é, de forma a não impactar negativamente no outro.

O Carnaval de rua pode ser considerado uma manifestação de cunho popular. Apresentam-se abaixo sugestões para o Carnaval de rua com o objetivo de manter suas características principais, bem como sua popularização procurando evitar os danos causados.

A grande quantidade massificada de frequentadores do evento seja talvez, o maior desafio a ser superado, visto que os impactos ambientais negativos estão diretamente ligados à quantidade excessiva de foliões. Uma medida mitigatória possível para esta consequência, seja a aplicação de capacidade de carga de C. Fuentes de 1992, a qual prevê um estudo acerca da capacidade máxima de pessoas permitidas concentradas em um único espaço.

Fica sob responsabilidade dos organizadores do evento, isto é, os criadores e donos dos blocos de rua, a penalidade ambiental ao não seguir corretamente as normas de segurança e de proteção ao meio ambiente. Propõe-se também, uma conscientização por parte dos mesmos a fim de promover educação ambiental aos foliões.

Fica sob responsabilidade do Estado prover de mais segurança pública e investir na sinalização do evento como um todo: melhorar a indicação de placas de circulação dos foliões, banheiros químicos, lixeiras e postos emergenciais de saúde. A Prefeitura deve ainda, ampliar o investimento no número de banheiros químicos e lixeiras maiores capazes de receber mais resíduos sólidos.

Blocos de rua patrocinados podem oferecer aos foliões por meio dos vendedores ambulantes, opções ecológicas no refil das bebidas alcólicas a fim de produzir menos resíduos;

Nas entradas de cada bloco de rua, impedir por meio de fiscalização policial que os frequentadores do evento portem garrafas de vidro durante o bloco.

Escolher com mais criticidade o local de passagem dos blocos de rua, a fim de reduzir o possível incômodo aos moradores, comerciantes e pessoas em posição de vulnerabilidade como pessoas hospitalizadas e pessoas em asilos.

REFERÊNCIAS

1. CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE. **Resolução CONAMA n 1, de 23 de janeiro de 1986**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res86/res0186.html>>. Acesso em: 21 fev. 2018.
2. **GUIA VIAGEM. Carnaval no Brasil**: a festa mais popular e mais conhecida no país. Disponível em: <<http://www.guiaviagem.org/carnaval-do-brasil/>>. Acesso em: 30 maio 2017.
3. G1. **Carnaval de SP terá quase 500 blocos de rua, 60% a mais que em 2016**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/carnaval/2017/noticia/2016/11/carnaval-de-sp-tera-quase-500-blocos-de-rua-60-mais-que-em-2016.html>>. Acesso em: 28 maio 2017.
4. DINIZ, André. **Almanaque do Carnaval a história do carnaval, o que ouvir, o que ler, onde curtir**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
5. OBSERVATÓRIO DO TURISMO. **Carnaval Paulistano 2017**. Disponível em: <<http://www.observatoriodoturismo.com.br/carnaval-paulistano-2017/>>. Acesso em: 01 maio 2017.
6. OBSERVATÓRIO DO TURISMO. **Carnaval Paulistano 2018**. Disponível em: <<http://www.observatoriodoturismo.com.br/carnaval-paulistano-2018/>>. Acesso em: 23 mar. 2018.
7. PENSAMENTO VERDE. **Nosso futuro em comum: conheça o relatório de Brundtland**. Disponível em: <<http://www.pensamentoverde.com.br/sustentabilidade/nosso-futuro-em-comum-conheca-o-relatorio-de-brundtland/>>. Acesso em: 22 maio 2018.
8. RUFINO, Marcos Pereira. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1993, v.36. In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de (Org.) *Carnaval brasileiro – o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 239.
9. R7. **Carnaval 2017 de SP tem aumento de 200% no número de turistas**. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/sao-paulo/carnaval-2017-de-sp-tem-aumento-de-200-no-numero-de-turistas-01032017>>. Acesso em: 31 maio 2017.
10. SEBE, José Carlos. **Carnaval, Carnavais**. São Paulo: Ática, 1986.
11. SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
12. URBANO, Maria Aparecida. **Carnaval & Samba em evolução na cidade de São Paulo**. São Paulo: Plêiade, 2005.